

## LIÇÃO SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA HISTORIOGRAFIA E NAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

*Temístocles Cezar<sup>1</sup>*

---

**RESUMO.** O objetivo deste artigo é o de analisar o primeiro ensaio teórico-metodológico sobre a escrita da história, publicado na revista do IHGB em 1839 e que se torna um conjunto de orientações para a historiografia sobre a nação ao longo do século XIX.

**Palavras-chave:** historiografia; escrita da história; nação.

### HISTORY WRITING LECTURE: HISTORIOGRAPHY AND NATION IN BRAZIL OF NINETEEN

**ABSTRACT.** The purpose of this article is to analyse the first theoretical-methodological essay about history writing, published in IHGB review in 1839, which became a guideline for historiography on nation along 19th century.

**Key words:** historiography; history writing; nation.

---

### INTRODUÇÃO

"A História é a memória das nações"  
Januário da Cunha Barbosa<sup>2</sup>

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, representou, segundo José Honório Rodrigues, o nascimento da pesquisa histórica no Brasil.<sup>3</sup> Pelo menos de um tipo de

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História – IFCH/UFRGS.

<sup>2</sup> "Relatório lido no acto de solemnizar o 5º anniversario do IHGB", *Revista do IHGB*, 5, 1843, Suplemento, p. 4. Tenho mantido em meus trabalhos sobre o século XIX a grafia original na tentativa de preservar, um pouco que seja, a *cor local* daquele período.

<sup>3</sup> RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969 (segunda edição revista e ampliada), p. 37.

história, mais definida, mais refletida e, no limite, nacional. Essa nova perspectiva tinha como meta estabelecer um projeto historiográfico capaz de organizar os recursos e os procedimentos para se escrever a história da nação. O problema é que assim como a nação estava sendo construída, a história enquanto disciplina científica estava ainda dando seus primeiros passos. Tal como para o projeto nacional, também não era clara a identidade da história, nem do historiador. O que ele devia mesmo fazer? E mais, como fazer? Algumas palestras proferidas no IHGB são, notadamente, tentativas de normatizar e criar regras para o ofício desse historiador da nação. Não exatamente o que este deve ser – não havia tanta clareza assim –, mas sobretudo o que ele não deve ou não pode fazer.

O primeiro discurso pronunciado na casa pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, secretário-perpétuo do IHGB, é paradigmático nesse sentido. Trata-se de uma lição sobre o método historiográfico, que reflete sobre o que é a história, quem é o seu autor e como ela deve ser escrita. É um texto que foi lido e escutado no interior do IHGB, liberando uma série de efeitos. É possível acompanhar o rastro de alguns. Outros se perdem e são esquecidos. Assim se faz um campo científico, assim se faz uma nação.

### O "DISCURSO" DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

"Procura ressuscitar também as memórias da pátria da indigna obscuridade em que jazião até agora".<sup>4</sup> Com esta frase de Alexandre de Gusmão, que evoca Jules Michelet *avant la lettre*, citada como epígrafe a seu discurso, Januário da Cunha Barbosa inaugura no IHGB o projeto de

---

<sup>4</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *Revista do IHGB*, 1, 1839, p. 9-18.

uma nova historiografia sobre o Brasil.<sup>5</sup> Sua análise produz um conjunto de noções que se tornam normas para as ações práticas no IHGB, bem como um referencial teórico para se saber o que é histórico e o que não é.

### POR QUE É NECESSÁRIO ESTUDAR A HISTÓRIA?

"Não se compadecia já com o gênio brasileiro, sempre zeloso da glória da patria, deixar por mais tempo em esquecimentoos factos notaveis da sua historia, acontecidos em diversos pontos do imperio, sem duvida ainda não bem consignados".<sup>6</sup> Apesar do cuidado dos brasileiros por sua pátria, eles tinham, até aquele momento pelo menos, esquecido os fatos notáveis. Era necessário, então, ressuscitá-los. Esse processo implicava em uma idéia de unificação da nação, pois esses acontecimentos não ocorreram apenas em um determinado lugar, mas ao contrário, eles se passaram em todas as províncias do país. A tarefa do IHGB era, portanto, tornar visível a história preexistente do Brasil. A história que deve aparecer é uma história precisa, um gênero específico: a história geral.

### MOstrar AS NAÇÕES CULTAS QUE...

"E desta arte mostramos às nações cultas, que também presamos a gloria da patria, propondo-nos a concentrar, em huma litteraria associação os diversos factos da nossa historia, e os esclarecimentos geographicos do nosso paiz, para que possam ser offerecidos ao conhecimento do mundo, purificados dos erros e inexactidões que os

---

<sup>5</sup> Para José Honório Rodrigues, Januário da Cunha Barbosa foi o primeiro teórico e prático da pesquisa histórica no Brasil, ver RODRIGUES, J. H. *op. cit.*, 1969, p. 38. Sobre o cônego Januário da Cunha Barbosa, ver também o dossiê dedicado a ele publicado *Revista do IHGB*, em 1849. Ver ainda BARBOSA, A. da C. "Esboço bibliografico do Cônego Januário da Cunha Barbosa", *Revista do IHGB*, 108, 1902, p. 197-284; IPANEMA, M. "Súmula da atividade jornalística de Januário da Cunha Barbosa e crítica de atribuição", *Revista do IHGB*, 330, 1981, p. 115-120; WHITAKER, A. P. "O cônego Januário da Cunha Barbosa no bicentenário de seu nascimento", *Revista do IHGB*, 330, 1981, p. 261-263. Sobre a produção intelectual de Januário da Cunha Barbosa ver PAIVA, T. de B. "Januário da Cunha Barbosa. Bibliografia cronológica por um bibliógrafo carioca", *Revista do IHGB*, 190, 1946, p. 130-138. Para uma análise diferente da minha, ver ROCHA, M. H./LIMA, M. N. "Fundamentos básicos para o estudo do pensamento do cônego Januário da Cunha Barbosa", *Revista do IHGB*, 295, 1972, p. 164-175.

<sup>6</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 9.

manchão em muitos impressos, tanto nacionaes como estrangeiros".<sup>7</sup> É através da história que o sentimento patriótico é revelado tanto aos brasileiros quanto aos estrangeiros. No entanto, aqui, o orador não fala de uma história a ser feita ou desvelada, mas de uma história já feita, a qual é necessário examinar com um olhar crítico. A história feita no IHGB não foi sempre original; seus membros reconhecem a existência de produções que lhes antecedem, mas que precisam ser revisadas e corrigidas. Esse processo de *purificação* é o primeiro passo rumo à transformação daquilo que outrora era lido como história em fonte histórica, com a meta de servir de base à escrita da história da pátria. Tais procedimentos fazem parte da operação historiográfica conduzida pelos membros do IHGB com o objetivo de nacionalizar a cadeia cognitiva que narra os eventos desde o período colonial. Não é sem razão que toda a pesquisa histórica parece começar com o IHGB.

### SEGUIR CÍCERO

"Basta attendermos ao que diz Cicero: a historia he testemunha dos tempos, a luz da verdade, e a escola da vida. Por esta judiciousa doutrina bem facilmente se conhece quão proficua deve ser a nossa associação, encarregada, como em outras nações, de eternisar pela historia os factos memoraveis da patria, salvando-os da voragem dos tempos, e desembaraçando-os das espessas nuvens que não poucas vezes lhes agglomerão a parcialidade, o espirito de partidos, e até mesmo a ignorancia. Oxalá não tivessesmos nós infinitas provas desta verdade, em tantas obras, mórmente estrangeiras, que correm o mundo! O nosso silencio, reprehensivel em materia que tanto affecta a honra da patria, tem dado occasião a que os historiadores huns de outros se copiem, propagando-se por isso muitas inexactidões, que deverião ser immediatamente corrigidas".<sup>8</sup>

A *historia magistra vitae* não é apenas um adágio erudito, ela é também um princípio organizador que justifica e ao mesmo tempo orienta as investigações do IHGB. Eternizar, salvar os fatos são fórmulas que provêm desse princípio. Duas instâncias da mesma operação, eternizar e salvar, contudo, não se confundem: eterniza-se aquilo que é suscetível de se tornar memorável, e cuja definição depende de uma série de disposições teóricas e políticas. Com efeito, após sua eternização, o

---

<sup>7</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

fato deve ser salvo, o que, por sua vez, pressupõe um certo número de procedimentos metodológicos cobrindo um campo que começa com a descoberta das fontes e se estende até a produção textual.

Uma espécie de método crítico é proposto pelo secretário. As nuvens que impedem uma boa visão da realidade, causadas sobretudo por obras de autores estrangeiros, devem ser dissipadas pelos historiadores do Instituto. Contudo, não se trata de uma proposição metodológica xenófoba. O problema não é o estrangeiro enquanto tal, mas sua opinião preconcebida que o priva da objetividade, ou sua ignorância a respeito da nação sobre a qual ele se manifesta. Assim, os membros do IHGB têm por missão desconstruir a lógica que perpetua um conhecimento incorreto do passado brasileiro, depurando desses trabalhos algumas de suas manchas, e eventualmente rejeitando-os do campo histórico.

### O CORAÇÃO, A VISÃO E A HISTÓRIA

O coração do verdadeiro patriota Brasileiro aperta-se dentro no peito, quando vê relatados desfiguradamente até mesmo os modernos factos da nossa gloriosa independencia. Ainda estão elles ao alcance de nossas vistas, porque apenas 16 annos se tem passado dessa época memoravel da nossa moderna historia, e já muitos se vão obliterando na memoria daquelles, a quem mais interessão, só porque tem sido escriptos sem a imparcialidade e necessario criterio, que devem sempre formar o caracter de hum veridico historiador.<sup>9</sup>

Em primeiro lugar, constata-se que uma noção de história do presente aparece desde o início do IHGB (e continuará a se desenvolver ao longo do século XIX).<sup>10</sup> Aparentemente, o Instituto não reprova ninguém por realizar esse gênero de história, apenas por fazê-la mal, ou seja, sem imparcialidade nem critério. Essas duas características negativas dificultam o trabalho de memória, que, nesse caso, é informada tanto pela escritura, como pela visão. A história do tempo presente é, nessa perspectiva, um tipo de história que pode ser vista. A memória opera, também, sobre um espaço ótico.

---

<sup>9</sup> *Idem*, p. 10-11.

<sup>10</sup> Sobre a questão do presentismo ver CEZAR, Temístocles. "Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da história no Brasil oitocentista", in PESAVENTO, S. (org.) *Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural*, Bauru, Edusc, 2004. (prelo).

No entanto, o registro do tempo decorrido depende de outros suportes que vão além do simples dispositivo baseado em uma visão retrospectiva. É preciso que o historiador, alojado no IHGB, faça o seu trabalho: corrigir os erros cometidos. Essa exegese determina um primeiro domínio de pesquisa cuja consequência deve "salvar" os fatos que conferem sentido à história brasileira da "indigna obscuridade" em que se encontram, bem como definir os objetos que devem ser melhor assinalados, descritos e mensurados: "o assento de suas cidades e villas mais notáveis, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, a direção de suas serras, e a capacidade de seus innumeráveis portos".<sup>11</sup>

Enfim, a exortação ao trabalho de equipe se impõe como a única via possível para se fazer a história. Esse grupo de pesquisa não deve se restringir aos habitantes da corte. A elite provincial é convocada a coletar fontes, ou, segundo a metáfora biológica de Cunha Barbosa, a fornecer "os membros ao corpo para huma historia geral e philosophica do Brasil".<sup>12</sup> Iniciada por Voltaire, a *história filosófica*, provavelmente, tenha penetrado no Brasil através da obra de Chateaubriand, se bem que a expressão seja também cara a Hegel e a Victor Cousin, cuja influência aparece, igualmente, no discurso do IHGB em seus primeiros anos.<sup>13</sup> Não obstante, na medida em que o século XIX avança, as referências a uma história filosófica ou a um historiador filósofo, como propõem von Martius e Gonçalves de Magalhães, tendem a desaparecer, ao mesmo tempo em que os conceitos de história e de historiador adquirem um contorno mais científico.<sup>14</sup> Finalmente, Cunha Barbosa deixa claro que as razões para se estudar a história são de ordem política e epistemológica. Com base em um modelo tradicional de *historia magistra*, o trabalho dos historiadores deve, antes de tudo, servir à nação. Porém - e essa é a especificidade do caso brasileiro -, antes é preciso *inventar* a história dessa

<sup>11</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 11.

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> A expressão surge em 1765, quando Voltaire, sob o pseudônimo de abade Bazin, publica em Amsterdã *La philosophie de l'histoire* (edição moderna, Genebra, Brumfitt, 1963). Ver também VOLTAIRE, "Dictionnaire Philosophique" (Tome V), in *Œuvres de Voltaire*, T. XXX, Paris, Chez Lefèvre, Libraire, 1829, p. 191-192. Parece que os três tipos de historiografia propostas por Hegel foram adotadas por alguns membros do IHGB como modelos à escrita da história, ver HEGEL, G. W. F. *La raison dans l'histoire. Introduction à la philosophie de l'histoire*. Paris, Éditions 10/18, Plon, 1965, p. 21-40.

<sup>14</sup> De Martius ver: MARTIUS, C. F. Ph. von. "Como se deve escrever a historia do Brasil", *Revista do IHGB*, 1844, p. 389-411, reproduzido na *Revista do IHGB*, 1953, p. 187-205; de Gonçalves de Magalhães ver: MAGALHÃES, D. J. G. de. *Faits de l'esprit humain*, Paris, Librairie d'Auguste Fontaine, 1859.

nação, pois tudo o que existe até aquele momento são produções feitas sem as diretivas corretas. As primeiras disposições epistemológicas que devem dirigir esse processo inventivo são: a correção dos trabalhos já publicados, a definição do que é uma fonte e a narração das ações históricas em um plano que apreenda o geral.

### CRONOLOGIA E ORIGEM

Desde as primeiras sessões do IHGB, conforme José Honório Rodrigues, a preocupação de se estabelecer uma periodização da história brasileira está presente.<sup>15</sup> A proposição de Cunha Barbosa não é uma exceção, e não se resume ao simples estabelecimento de uma cadeia cronológica. As idéias do primeiro-secretário são mais complexas na medida em que ele quer fazer do tempo, da cronologia, ou seja, do tempo medido, uma condição para a escrita da história. Inicialmente, ele sintetiza o debate existente sobre o tema: "a nossa historia dividida em antiga e moderna, deve ser ainda subdividida em varios ramos e épocas, cujo conhecimento se torne de maior interesse aos sabios investigadores da marcha da nossa civilização". No entanto, Barbosa propõe somente modelos que marcam o início histórico do Brasil. Assim, essa história poderia nascer "pela conquista de intrepidos missionarios, que tanto povos attrahirão à adoração da cruz, erguida por *Cabral* neste continente, ou pelo lado de acções guerreiras, na penetração de seus emmaranhados bosques, e na defesa de tão feliz quanto prodigiosa descoberta, contra inimigos externos invejosos da nossa fortuna". Pode-se ainda fixar o começo "pelas riquezas de suas minas e mattas, pelos productos de seus campos e serras, pela grandeza de seus rios e bahias, variedade e pompas de seus vegetaes, abundancia e preciosidade de seus fructos, pasmosanovidade de seus animaes", ou pelo clima propício ao desenvolvimento de um sistema produtivo no país. Essas numerosas alternativas, apresentadas àqueles que têm por desígnio demonstrar as origens temporais do Brasil, constituem-se em "um thesouro inexgotavel de honrosa recordação, e de interessantes idéas, que se deve manifestar ao mundo, em sua verdadeira luz".

Essa definição cronológica encontra alguns obstáculos, alertados previamente pelo orador, pois os fatos inaugurais já foram recomendados

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, J. H. "A periodização na história do Brasil", RODRIGUES, J. H. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957, 2<sup>o</sup> ed., vol. I, p. 152.

à posteridade por outros autores "que são lidos em todos os tempos com justa admiração", mas que, dispersos pelo território nacional, apenas escreveram histórias particulares das províncias e não uma história geral, que encadeie "os seus acontecimentos com esclarecido critério, com dedução philosophica, e com luz pura da verdade". Januário Barbosa conclui dizendo: "Ah! Se ainda assim mesmo tantos escriptos de illustres Brasileiros fossem dados à luz publica, ou conservados em archivos, para que a posteridade delles se aproveitasse, talvez que então se podesse realisar em parte, a doutrina de Cicero, quando chama a historia testemunha dos tempos".<sup>16</sup>

Os primeiros brasileiros que escreveram sobre os acontecimentos fundadores da nação defrontaram-se com três tipos de dificuldade: primeiro, a questão das distâncias geográficas, que torna difícil a idéia de uma história geral; segundo, a incapacidade desses escritores em dominar os recursos filosóficos que podem ser uteis à escrita dessa história; terceiro, o problema da publicação dos manuscritos e da conservação arquivística que entravava à plena realização da doutrina ciceroneana: "a ignorancia ou descuido de seus herdeiros as entrega logo à voragem dos annos; seus nomes vagueão por alguns tempo sobre as suas campas, até que de todo se esvaecem".<sup>17</sup> Januário Barbosa lembra ainda o fato de que, durante mais de três séculos, a metrópole não autorizou a instalação de tipografias em solo colonial. Os escritores do país dependiam de uma permissão de Portugal, circunstância que limitava consideravelmente a produção e a divulgação de suas obras. No entanto, alguns autores tiveram sucesso em escapar à censura metropolitana. Veja-se, exemplifica o orador, "a volumosa Bibliotheca Luzitana do Abbade Barbosa", onde se encontram "os nomes de alguns Brasileiros preclaros, que provárão, por seus escriptos em diversos ramos, genio fecundo e amor das letras".

Os problemas ligados à origem da história do Brasil e à instituição de uma cronologia brasileira passam, portanto, pela política de colonização do país. Assim, em uma nova fase de sua história, na qual o Brasil é independente de Portugal, o brasileiros estão, finalmente, capacitados a empreender a recuperação de seu passado. Porém, a boa execução dessa manobra intelectual depende de uma cronologia que tenha por fonte, justamente, esses primeiros escritos. Nesse sentido, a tarefa inicial do IHGB é reafirmada: "de todos esses materiaes informes, incompletos, e mesclados dos prejuizos do tempo poderemos formar

---

<sup>16</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 11.

<sup>17</sup> *Idem*, p.12.

hum complexo regular de factos, purificados no crisol da critica".<sup>18</sup> A história do Brasil é preexistente; em parte ela está oculta, em parte, deformada nos arquivos. O importante é que ela está, que existe. Não se trata, todavia, somente de aproveitar os espaços em branco deixados pelos portugueses e preenchê-los com dados exclusivamente brasileiros. É uma outra lógica que se coloca em movimento: começar por um princípio; encontrar os traços da origem nacional; discernir os autores. Em suma, instituir uma periodização e um encadeamento dos acontecimentos à brasileira significa, no campo histórico, narrar ou explicar a fundação do Brasil a partir do ponto de vista dos brasileiros.

### O TALENTO DO HISTORIADOR: MANIPULAR AS FONTES E O TEMPO

Doravante, os historiadores são responsáveis pela organização das fontes, pela sucessão dos eventos e pela demarcação de uma nova periodização. Uma tarefa pesada, que requer do historiador capacidades específicas: "o talento de hum historiador, diz o *barão de Barante*, assemelha-se à sagacidade do naturalista, que, com pequenos fragmentos de ossos, colhidos de escavações, como que ressuscita um animal, cuja raça desconhecida existia em plagas, que soffrêrão cathaclismos".<sup>19</sup> O historiador pode ter o mesmo poder de ressuscitar o passado, desde que tenha a competência para manipular as fontes corretamente.

A comparação com um especialista que representa as ciências da natureza conduz o primeiro-secretário à rota da realidade, ou, segundo sua expressão, à vida normal, que por sua vez "tem suas condições e suas leis; compõe-se também de circunstancias ligadas por meio de relações necessarias". A filosofia pode apreendê-la, quer dizer, pode reconhecê-la e demonstrá-la. Após esses esclarecimentos, "a imaginação com mais celeridade e certeza, sabera então della assenhorear-se". Todavia, para compreender os labirintos da realidade é preciso que o historiador tenha um guia que torne os caminhos claros e seguros. Na medida em que "a razão do homem é sempre lenta", somente "o talento dos historiadores e dos geographos he só quem póde offerecer-nos essa galeria de factos, que, sendo bem ordenados por suas relações de tempo e lugar, levão-nos a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro".<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 12-13.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 13.

Aqui está presente um outro traço do regime de historicidade caracterizado pela *historia magistra*: conhecendo as causas, pode-se prever o futuro. O talento do historiador e do geógrafo provém, em alguns momentos, do mundo da profecia. Todavia, nesse caso, a imagem do porvir não é uma projeção metafísica do que deve acontecer um dia. O futuro de que fala Cunha Barbosa é apenas o seu presente, e as pesquisas das fontes servem para explicá-lo e não para projetá-lo. O passado que o orador propõe tem uma medida bem definida: até sua atualidade. Os historiadores do IHGB devem ser profetas, mas do presente.

O uso que Barbosa faz do Barão de Barante reforça esse argumento. Ele traduz um trecho do discurso que Barante pronunciou em 1828, quando da sua recepção na Academia Francesa. O primeiro-secretário não cita a fonte do discurso nem precisa que se trata de uma tradução. Ele apenas identifica o autor através de seu nome e título nobiliárquico. O auditório ou o leitor não sabe, portanto, exatamente quem está falando: Barante ou Barbosa. Em todo caso, comparando o original de Barante com o texto de Barbosa, percebemos que a tradução é quase literal, salvo em um ponto. Eis o que diz Barante: "Cependant, l'histoire serait incomplète, décolorée, aride, et ce qui est pire, serait immorale, si, ne s'attachant qu'aux résultats généraux, elle omettait, par une coupable abstraction, de replacer les faits sur le théâtre où ils se passèrent, et de les juger indépendamment de l'avenir qui leur succéda".<sup>21</sup> Na tradução, Barbosa deixa de lado os adjetivos "pire" (pior) e "immorale" (imoral) que caracterizariam, de acordo com Barante, o estado avançado dessa história, que se limitando apenas aos resultados gerais, não contextualiza os fatos sobre a cena em que se passaram.<sup>22</sup> O que se tinha até aquele momento, no caso brasileiro, era essa história: *pior* e *imoral*. Barbosa não parece querer ir tão longe. O mais importante, entretanto, é a substituição que ele opera sobre a última parte do discurso: "para [que] melhor se apreciem pela confrontação de muitas e poderosas circunstâncias que desembarcem a inteligência dos leitores". Por que Barbosa manipulou a tradução? Penso que a razão principal é de ordem epistemológica. Para ele era fundamental examinar os acontecimento segundo uma lógica processual que ligasse passado e presente. Isoladas, essas dimensões temporais não seriam passíveis de

---

<sup>21</sup> BARANTE, A. G. P. B. "Discours de réception prononcé à l'Académie Française, le 20 novembre 1828", *op.cit.*, 1858, p. 234-250 (citação, p. 236).

<sup>22</sup> "A história seria, por tanto, incompleta, descorada e arida, se, ocupando-se unicamente dos resultados gerais, por uma mal entendida abstracção, não collocasse os factos no theatro em que se passarão", BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 13.

juízo. Elas não teriam historicidade. O sentido dos fatos impõe-se apenas quando estão articulados ao que lhe precede e ao que lhe sucede. E a confrontação das circunstâncias é o método capaz de produzir tal articulação. Por fim, esse raciocínio serve também para se identificar alguns elementos de um *tempo da nação*, uma das tarefas que o *talento* do historiador do IHGB deve tentar realizar.

### O PASSADO RESSUSCITADO CHEGA À NOSSA IMAGINAÇÃO. O ÚLTIMO JULGAMENTO.

Januário da Cunha Barbosa se utiliza ainda de Barante como um manual do ofício de historiador. Assim, após a supressão e a adaptação da passagem mencionada acima, o orador o retoma, mais uma vez, de modo quase literal: "A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e a nossa sympathia mais vivamente se abala, quando se nos conta o que fizerão, o que pensarão, o que soffrerão aquelles que nos precedêrão na scena do mundo: he isso o que falla à nossa imaginação, he isso que ressuscita, por assim dizer, a vida do passado e que nos faz ser presentes ao espectáculo animado das gerações sepultadas".<sup>23</sup> Barbosa, discretamente, retirou da tradução o advérbio que introduzia a frase de Barante: "certes" (certamente). Dessa maneira, parece que o barão somente confirma o argumento do orador. De agora em diante, pode-se acreditar que eles falam em uníssono. A análise particular dos fatos passados quase não traz mais problemas. Ao contrário, é necessário explorá-los na sua materialidade: o que nossos antecedentes fizeram, pensaram, sofreram. É assim que eles chegam à nossa imaginação. Eles ressuscitam. O passado invade o presente. O presente recebe o passado. Em conclusão: "só desta arte a historia póde nos offerecer importantissimas lições".<sup>24</sup>

Essas lições não são o efeito de uma ordem providencial. A história "não deve representar os homens como instrumentos cegos do destino, empregados como peças de hum machinismo, que concorrem ao desempenho dos fins do seu inventor", afirmam em dueto Barante e Barbosa. Trata-se, nesse caso, de uma noção que exclui a intervenção da providência e procura explicar os fatos históricos pelo meio de causas

---

<sup>23</sup> *Idem*. "Certes, le sort général de l'humanité nous importe; et notre sympathie est plus vivement émue, quand on nous raconte ce que firent, ce que pensèrent, ce que souffrirent ceux qui nous précédèrent sur la scène du monde: ce qui parle à notre imagination est ce qui ressuscite, pour ainsi dire, la vie du passé, et qui nous fait assister au spectacle animé des générations ensevelies", BARANTE, *op.cit.*, 1858, p. 236.

<sup>24</sup> *Idem*. BARANTE, *id.*

naturais e humanas.<sup>25</sup> Desse modo, é preciso que a história os pinte "taes quaes forão na sua vida, obrando em liberdade, e fazendo-se responsáveis por suas ações. A providência, he verdade, faz muitas vezes sahir o bem do seio do mal, a ordem das turbulências da anarchia, e a liberdade dos terrores do despotismo; mas he força dizer que estes caminhos não estão ao nosso alcance; os caminhos do homem são traçados por seus devais, e, aos olhos da musa severa da historia, o crime sempre deve ser crime".<sup>26</sup> O historiador é aquele que pinta. Contudo, deve pintar aquilo que é suscetível de ser compreendido pelo homem. A providência não é compreensível. O quadro histórico é uma pintura humana que representa as vias traçadas pelos deveres dos homens. Em consequência, não é a providência que julga as ações humanas, mas a própria história.

#### **A MORTE DO TIO DE PLÍNIO O JOVEM: PRIMEIRO ESBOÇO DA FIGURA DO HERÓI NO IHGB.**

"Não posso deixar de acrescentar-lhes", às reflexões de Barante, diz Barbosa, os "nobres sentimentos de *Plínio* o moço, escrevendo a *Tácito* sobre a desastrosa morte de seu tio", que afirmava: "considero igualmente benemeritos aquelles a quem os deoses tem concedido o dom, ou de fazer cousas dignas de serem escriptas, ou de escrever cousas dignas de serem lidas; e muito mais benemeritos ainda os que favorecem o exercicio destas duas preciosas faculdades".<sup>27</sup> Tácito tinha solicitado que Plínio o Jovem contasse a história da morte de seu tio, Plínio o Antigo, "para poder transmiti-lo mais exatamente à posteridade".<sup>28</sup> O espírito da proposta de Barbosa não é diferente. Talvez as duas qualidades não sejam encontradas juntas, porém, se alguém no Brasil praticou um ato digno de ser escrito, os historiadores do IHGB estão, a partir de agora, em

<sup>25</sup> George Lefebvre explica que isto não significa que "os escritores fossem ateus, mas que quando escrevem a história, eles abstraem a influência providencial, estimando que os historiadores não pudessem apreendê-la", LEFEBVRE, G. *La naissance de l'historiographie moderne*, Paris, Flammarion, 1971, p. 165.

<sup>26</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 13. BARANTE, *op.cit.*, 1858, p. 236-237.

<sup>27</sup> Plínio escreve: "Pour ma part, j'estime heureux les hommes auxquels les dieux ont accordé le privilège de faire des actions dignes d'être écrites ou d'écrire des livres dignes d'être lus, et trois fois heureux ceux qui ont l'un et l'autre don", Pline le Jeune, *Lettres*, Livre VI, 16,3. Eu me sirvo aqui da tradução francesa de Anne-Marie Guillemin, Pline le Jeune, *Lettres*, T. II, Livres IV-VI, Paris, Les Belles Lettres, 1989. (citação p. 113-114). BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 13-14.

<sup>28</sup> *Pline le Jeune, Lettres*, Livre VI, 16.

prontidão para registrá-lo. É por trás desse sujeito que se esboça a primeira figuração do que é um herói nacional. Essa perspectiva torna-se mais clara com a citação que Barbosa faz na seqüência daquela de Plínio o Jovem, seguindo ainda uma vez Alexandre de Gusmão: "a historia he um fecundo seminario de heróes".<sup>29</sup>

Por outro lado, pode-se estabelecer uma vinculação entre a participação de vários membros do IHGB com os eventos recentes da história brasileira e a idéia de que os historiadores ou escritores podem desempenhar um papel heróico. No pior dos casos, eles podem simplesmente escrever coisas dignas de serem lidas. No melhor, podem tornar-se como Plínio o Antigo: fazer e escrever coisas dignas de serem escritas e lidas. Para explorar essa última via não é necessário procurar no IHGB um historiador com tal perfil. Não se encontraria. Entretanto, pode-se pensar que o próprio IHGB, enquanto instituição, encarne uma figura de herói; um herói que seria um agente coletivo. Seus gestos heróicos seriam sua fundação, suas tarefas históricas consistiriam em salvar o passado nacional e em construir uma memória nacional. Em resumo, fornecer à nação as luzes de que ela precisa. À definição do IHGB como uma entidade heróica, é necessário acrescentar uma outra dimensão: a religiosa.

#### ESCREVER A HISTÓRIA DOS GRANDES HOMENS: UMA MISSÃO SACERDOTAL

A noção de *historia magistra* encontra-se em todas as partes do discurso de Barbosa: "não duvidamos que as melhores lições que os homens podem receber, lhes são dadas pela historia", e aí estão inclusas as representações dos grandes homens: "por isso a virtude he sempre digna de veneração publica, a gloria abrilhanta os honrados cidadãos". Os historiadores devem fazer justiça aos seus notáveis, pois salvar "seus nomes e seus feitos de hum injusto esquecimento, he forte estímulo para uma forte emulação". Todavia, não se deve preservar o primeiro que chegar. É preciso escolher, e a escolha é um julgamento: "Os crimes, (...) não deixão de ser detestaveis no tribunal da historia, se a imparcial penna de sabios os decreve em sua verdadeira luz". São os olhos da Musa da história à qual se referia Barante.

O juiz, ou o historiador que julga, "sentando-se sobre a tumba do homem, que ahí termina suas fadigas, despreza argumentos de partido, e

---

<sup>29</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 14.

conselhos de lisonja, portando-se seus juizos como austero sacerdote da verdade". O historiador não é simplesmente aquele que julga e diz a verdade. Ele é aquele que cumpre seu papel como um sacerdote. Esse lado religioso e místico não tem relação com o cristianismo dos membros do IHGB. Trata-se de um dos componentes, talvez dos mais importantes, dessa imagem ideal de historiador que Januário da C. Barbosa procura desenhar. Efetivamente, fazer a história da nação torna-se uma missão sacerdotal.<sup>30</sup>

Os grandes homens desempenham, então, uma função de destaque para que a empresa missionária tenha sucesso: "a fama dos grandes homens, rompendo as trevas da antiguidade, tem chegado a nós com os documentos de seus meritos acrisolados pela historia: ella assim premia a virtude muitas vezes perseguida, restituindo à veneração dos homens a memoria daquelles que della se fizeram dignos". Uma sùtil precisão impõe-se aqui. Se a história faz os grandes homens, então os historiadores que fazem a história (que a "purificam") são os verdadeiros mestres do jogo. Fazedores da história, eles controlam os destinos dos grandes homens, ou, dito de outro modo, os vivos controlam os mortos e os mortos servem aos vivos. Eis uma variação da religião historiadora adotada no IHGB. Resta saber se o grande homem é um herói acabado ou um candidato a herói. Independente da resposta, os historiadores do IHGB têm o poder de decidir. Eles se colocam, assim, em uma posição quase divina. Criam sua própria providência.

#### **O LIVRO DE PLUTARCO: UM PROJETO BIOGRÁFICO**

Januário da Cunha Barbosa também propõe ao IHGB um projeto biográfico. Esse nobre assunto, segundo ele, somente pode ser realizado coletivamente. Na realidade, ele já teria começado. O Visconde de São Leopoldo e o doutor Emilio Joaquim Maia, sócios fundadores da instituição, tinham iniciado a coleta de "elementos para esse importante monumento litterario".<sup>31</sup> Essa proposta parece ser vital aos interesses do IHGB. À primeira vista, porque "na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as applicações da honra, a preciar a gloria e a affrontar os

---

<sup>30</sup> *Idem*. A idéia do IHGB como um agente missionário está presente na instituição ainda no século XX. Ver, por exemplo, CORREA FILHO, Virgílio. "O Instituto Histórico", *Revista do IHGB*, 247, 1960, p. 316-318; e MEIRA, Silvio. "A nobre missão dos Institutos Históricos", *Revista do IHGB*, 334, 1982, p. 211-213.

<sup>31</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 15.

perigos". Portadora de *exempla*, todos positivos, a biografia dos grandes homens é um projeto de ordem historiográfica muitas vezes provado anteriormente. Não se trata de uma posição irrefletida, mas de um sinônimo aproximado do movimento da história. O mundo se transforma graças aos grandes homens. O projeto tem, portanto, uma verdadeira pertinência histórica. Nesse contexto, a aparição de Plutarco, espécie de justificação erudita da proposta, torna-se quase obrigatória: "O livro de Plutarco he uma excelente escola do homem, porque offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade; ahi se encontra descuberta toda a antiguidade; cada homem celebre apparece ahi com seu genio, com seus talentos, com suas virtudes e com a influencia que exercêra sobre seu seculo; ahi se aprende como o genio dá movimentos a povos inteiros, por suas leis, por suas conquistas, por sua eloquencia; ahi vidas brilhantes e mortes illustres ensinão a amar a gloria, a apreciar as suas causas, a prever os seus resultados, e a acautelarmo-nos daquelles perigos, que seguem como sombras". A analogia entre o livro de Plutarco e o livro que o IHGB deve escrever se impõe: "e não offerecerá huma historia veridica do nosso paiz essas lições?", pergunta o orador. Sim, pois o Brasil oferece todas as condições para o surgimento dos grandes homens: o tempo, uma longa duração – três séculos – mas também o espaço, um solo fértil. Não temos grandes homens com "diversas qualidades que mereção os cuidados do circunspecto historiador, e que se possão offerecer às nascentes gerações como typos de grandes virtudes?"<sup>32</sup>

Finalmente, o projeto prevê que a história de nossos grandes homens seja escrita por nossos historiadores *nacionais*, e não pelo gênio especulativo dos estrangeiros. A crítica aos escritores estrangeiros funciona aqui como uma medida epistemológica, e não simples xenofobia, – os brasileiros podem fazer melhor –, mas também como uma afirmação identitária: o *nós brasileiro*, quer dizer, o objeto histórico *os grandes homens* e o historiador *nacional* que escreve suas biografias, tem necessidade *deles* para existir.

Esse ambicioso projeto pressupõe ainda um plano de divulgação dos trabalhos feitos no IHGB por intermédio de cursos de história e de geografia: "este ramo de estudos, tão necessario à civilização dos povos,

---

<sup>32</sup> É interessante notar que uma das significações da expressão *varão*, quando ela designa o grande homem, corresponde exatamente ao *varão de Plutarco*; quer dizer c'est-à-dire "homem probo, cheio de serviço à pátria, e por isso comparável aos gregos e romanos biografados por Plutarco", ou ainda "homem que por sua vida extraordinária poderia figurar nas *Vidas paralelas*, obra desse autor", *Dicionário Aurélio Eletrônico*, Brasil, 1996.

faltava aos nossos patricios".<sup>33</sup> Uma comparação com a França vem, no entanto, suavizar essa amarga constatação: "o celebre Rollin, nos tempos em que a França já muito florescia por suas letras, lastimava o sacrificar-se o estudo da historia nacional ao de outras historias antigas, como se só na Grecia e em Roma tivessem apparecido factos heroicos, e varões prestantes, que merecessem ser imitados". Por intermédio da crítica de Rollin, Barbosa mostra como funciona a maquina produtora dos grandes homens: pela imitação. Deve-se, contudo, imitar o que é nacional. O brasileiro deve imitar o que é brasileiro. De um certo modo, ele deve imitar-se. Para ativar esse procedimento reflexivo, nada mais útil do que ter arquétipos. Felizmente, "nossa historia abunda de modelos de virtudes". O problema, nós já o sabemos, é que eles "dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subseqüentes". A solução pertence evidentemente ao IHGB. A instituição tem a responsabilidade de organizar uma galeria ordenada dos homens ilustres, isto é, colocá-los em uma disposição espaço-temporal adequada. Assim, eles serão percebidos de uma maneira mais nítida por aqueles que "anhelão seguir os seus passos nos caminhos da honra e da gloria nacional".<sup>34</sup>

### CONCLUSÃO

L'histoire qui sert, c'est une histoire serve.  
Lucien Febvre<sup>35</sup>

O discurso de Januário da Cunha Barbosa sintetiza uma série de variantes que se tornam temas do IHGB, e, portanto, da historiografia brasileira, ao longo do século XIX. A esse respeito, é preciso inscrevê-lo também em uma rede mais ampla e complexa que engloba a busca da cientificidade (ainda que o vocábulo não esteja presente em Barbosa), como forma de se atingir a história e, ao mesmo tempo, fazer uso político do saber histórico. Ou seja, contar a história da nação; essa exercendo

---

<sup>33</sup> BARBOSA, J. C. "Discurso", *op. cit.*, p. 16.

<sup>34</sup> *Idem.* Sobre o tema dos grandes homens no Brasil e dos efeitos do projeto biográfico de Barbosa, ver, respectivamente, ENDERS, Armelle. "O Plutarco Brasileiro? A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 25, 2000, p. 41-61; CEZAR, Temístocles. "Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX", in *Métis. História & Cultura*, Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, v.2, n.3, jan./jun., 2003, p. 73-94.

<sup>35</sup> FEBVRE, L. "L'histoire dans le monde en ruines", Leçon d'ouverture, Faculté des Lettres, Strasbourg, 04/12/1919, *Revue de synthèse historique*, XXX, 88, 1920.

aqui a função de conceito organizador e de recurso narrativo àquela. Barbosa, na realidade, apenas sugere traços que são reforçados ao longo do século, sobretudo, a valorização e a hierarquização das fontes, a imparcialidade do historiador (a objetividade não é ainda um vocábulo corrente), o trabalho de equipe. Ele propõe também temas de pesquisa, como a biografia, e ensaia a fixação de uma periodização para a história brasileira.<sup>36</sup>

Porém, parece-me, que o mais importante da retórica do primeiro-secretário é sua dimensão persuasiva. Barbosa é um orador. O *império da eloquência* foi constituído no Brasil, não somente pelos manuais escolares e pelos debates entre os políticos, mas também por discursos como o de Barbosa.<sup>37</sup> A idéia de seguir Cícero não é uma referência em vão.<sup>38</sup> A eloquência, é uma arma, é um meio de intervenção decisivo tanto na vida política do império brasileiro, como na construção de uma noção de história no IHGB. A lição de Januário da Cunha Barbosa mostra como a retórica da história pode ser útil, pode servir. Servir em primeiro lugar, e acima de qualquer outra coisa, à nação. Trata-se, finalmente, de uma

---

<sup>36</sup> Ainda em 1839, o vice-presidente do IHGB, o Marechal Raimundo José da Cunha Matos profere um discurso onde procura dar uma resposta a certas inquietações de Barbosa. Apesar de também se tratar de uma "lição", o texto de Cunha Matos só foi publicado em 1863, embora seus efeitos sejam sensíveis na produção do IHGB. Ver MATOS, Mal. R. J. da C. "Dissertação acerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brasil", *Revista do IHGB*, 26, 1863, p. 121-143. Com certeza, a "lição" mais completa e complexa sobre como deve ser escrita a história do Brasil é a monografia Carl von Martius, "Como se deve escrever a historia do Brasil", *Revista do IHGB*, 1844, *op.cit.* Sobre Martius ver: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. "História e natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação", *História, Ciências, Saúde*, vol. VII (2), jul-out 2000, p. 391-413; e CEZAR, Temístocles. "Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual", in PESAVENTO, S. J. (org.) *História cultural. Experiências de pesquisa*, Porto Alegre, Ed. da Universidade (UFRGS), 2003, p. 173-208.

<sup>37</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência. Retórica e poética no Brasil oitocentista*, Rio de Janeiro, EdUERJ/EdUFF, 1999.

<sup>38</sup> "A retórica ciceroneana exerceu uma influência capital na história da cultura ocidental, através da noção de *eloquência*. Tal como a ilustrou Cícero, e tal como foi retomada depois dele, sobre a base de suas obras, na Antiguidade, na Idade Média, na Renascença, na época moderna, essa noção não se reduzia somente ao discurso público, mas concentrava nela as potencialidades da literatura, do saber, do humanismo", PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*, Paris, Le Livre de Poche, 2000, p. 161. Sobre uma análise da retórica da história, em uma perspectiva mais geral da história, ver MEGILL, A./McCLOSKEY, D. "The rhetoric of history", in NELSON, J./MEGILL, A./McCLOSKEY, D. (edited by) *The rhetoric of the human sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*, Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1987, p. 221-238.

lição que ensina que a história serve, sem dizer, contudo, o quanto assim ela se torna serva.

#### REFERÊNCIAS

- BARANTE, A. G. P. B. "Discours de réception prononcé à l'Académie Française, le 20 novembre 1828", *op.cit.*, 1858, p. 234-250.
- BARBOSA, J. C. "Discurso", *Revista do IHGB*, 1, 1839, p. 9-18.
- CEZAR, Temístocles. "Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX", in *Métis. História & Cultura*, Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, v.2, n.3, jan./jun., 2003, p. 73-94.
- CEZAR, Temístocles. "Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual", in PESAVENTO, S. J. (org.) *História cultural. Experiências de pesquisa*, Porto Alegre, Ed. da Universidade (UFRGS), 2003, p. 173-208.
- CEZAR, Temístocles. "Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da história no Brasil oitocentista", in PESAVENTO, S. (org.) *Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural*, Bauru, Edusc, 2004. (prelo).
- ENDERS, Armelle. "O Plutarco Brasileiro?. A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 25, 2000, p. 41-61.
- FEBVRE, L. "L'histoire dans le monde en ruines", Leçon d'ouverture, Faculté des Lettres, Strasbourg, 04/12/1919, *Revue de synthèse historique*, XXX, 88, 1920.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. "História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação", *História, Ciências, Saúde*, vol. VII (2), jul-out 2000, p. 391-413.
- LEFEBVRE, G. La naissance de l'historiographie moderne, Paris, Flammarion, 1971.
- MAGALHÃES, D. J. G. de. *Faits de l'esprit humain*, Paris, Librairie d'Auguste Fontaine, 1859.
- MARTIUS, C. F. Ph. von. "Como se deve escrever a historia do Brasil", *Revista do IHGB*, 1844, p. 389-411, reproduzido na *Revista do IHGB*, 1953, p. 187-205.
- MEGILL, A./McCLOSKEY, D. "The rhetoric of history", in NELSON, J./MEGILL, A./McCLOSKEY, D. (edited by) *The rhetoric of the human sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*, Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1987, p. 221-238.

- PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*, Paris, Le Livre de Poche, 2000.
- RODRIGUES, J. H. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957, 2º ed., vol. I.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência. Retórica e poética no Brasil oitocentista*, Rio de Janeiro, EdUERJ/EdUFF, 1999.